POÉTICAS EM MOVIMENTO: Imagens, corpo e punk rock em esquizofrenia poética**POETICS IN MOVIMENT:** Images, body and punk rock in poetic schizophrenia**Jaddson Luiz Sousa Silva**

jaddson_luiz@yahoo.com.br

Doutorando em artes pela Universidade Federal do Pará

Joel Cardoso da Silva

joelcardoso@uol.com.br

Instituto de Ciência das Artes da Universidade Federal do Pará

Resumo:

O presente trabalho consiste em uma cartografia produzida acerca do vídeo-poema intitulado Esquizofrenia Poética, e toma, como horizonte esquizoanalítico, as noções de rizoma, platôs e mapa contidas nas perspectivas filosóficas de Deleuze e Guatarri (1995). Para tanto, seguindo a dinâmica imposta pelo vídeo-poema em questão, a cartografia que agora vem a lume, é construída por uma pulsação fragmentária que procura vivenciar, através da escrita, o movimento dos sons, das letras, das imagens e do corpo que emana dos poemas, dos gritos, ruídos e músicas, e da performance desenvolvida pelo ator em cena.

Palavras-chave: Vídeo-poema, Cartografia Poética, Esquizofrenia Poética, Movimento.**Abstract:**

The present work consists in a cartography produced about poem-video entitled Poetic Schizophrenia, and takes as interpretative horizon the conceptions of rhizoma, plateau and map contained in Deleuze and Guatarri's (1995) philosophic perspectives. Therefore, following the dynamic imposed by poem-video in question, the cartography that now comes out is constructed of fragmentary pulsation that looks for experience through the writing, the sounds movement, the lyrics, the images and the body that emanates from poems, the screams, noises and musics, and the performance developed by the actor in scene.

Keywords: poem-video; poetic cartography; poetic schizophrenia; movement.**Os vídeo-poemas e o caos de uma Esquizofrenia Poética****1.**

Os vídeo-poemas, como os chamo, compõem um projeto de produção em série de curtas-metragens que procuram, desde 2011, articular expressões artísticas no campo das letras, artes visuais, música e performance. Ou seja, um saber-fazer que, sem ser programado sistematicamente, esboçou-se de forma esporádica e errática, para, com o passar dos anos, ganhar corpo conceitual, problematização de seu processo criativo, e a tessitura de um conjunto poético capaz de ser entendido tanto em seu todo (que está em constante movimento), quanto

em suas partes (fragmentos autônomos propensos a conexões na construção de novas narrativas e análises).

2.

O primeiro vídeo-poema, intitulado Esquizofrenia Poética, foi produzido para ser apresentado no Seminário Narrativas Discentes: conexões em artes¹, sediado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) no ano de 2011. Desta feita, produzido de improviso, com poucos recursos técnicos, e propositalmente mambembe, este vídeo-poema trouxe à tona fragmentos de textos e poemas publicados em meu primeiro livro, homônimo ao curta-metragem, bem como, procurou articular o movimento de minha voz que recitava textos e poemas estilhaçados, aos movimentos fragmentários de imagens e sons registrados tanto do cotidiano do centro da capital paraense, quanto do vazio de minha casa.

3.

Esquizofrenia Poética foi o disparo inicial! O movimento caótico que disparou multiplicidades enunciativas para potências poéticas, a partir de fendas abertas que proporcionaram, proposital ou aleatoriamente, fugas e entradas, conexões e desconexões, tentativas e erros, caminhos e descaminhos.

4.

Dos caminhos traçados que por agora remonto, o vídeo-poema Esquizofrenia Poética trouxe uma série de gritos, imagens, sons e versos que foram jogados de forma aleatória em seu processo criativo, na busca por um clima caótico. O disparo inicial era: compor um vídeo capaz de remontar à complexidade de uma mente esquizofrênica. Contudo, a Esquizofrenia, enquanto patologia, configura-se como um transtorno mental que promove o rompimento entre o esquizofrênico e a realidade, ao ponto mesmo de, gerando este rompimento, uma realidade alternativa se funda na mente esquizo. Assim, seguindo esta temática, as dimensões deste primeiro vídeo-poema se apropriavam de fragmentos que registrei da capital paraense, na construção de um discurso que (re)construía poeticamente o caos de uma realidade alternativa e que, por sua vez, rompia com a noção de um discurso ordenado, racional e convencional.

5.

---

¹ Um seminário organizado pelos Estudantes de Artes da UFPA no período de 17 a 20 de maio de 2011.

O rompimento com a realidade e com a construção de um discurso organizado de forma racional e objetivo, constituiu brechas e fendas para o surgimento de uma nova ordem que partiu do aleatório. A saber, a ordem gerada do caos que possibilitou o surgimento de uma realidade alternativa, compôs um curta-metragem que não representava a realidade pura e simples, mas sim, recriava possibilidades outras de se expressar no mundo.

6.

Ao remontar os fragmentos que recorde deste processo criativo a partir de uma cartografia poética, promovo o encontro entre dois momentos distintos de minha vida. O primeiro, como é de se esperar, faz alusão aos caminhos percorridos na construção do vídeo-poema *Esquizofrenia Poética*, em diálogo com as minhas experimentações literárias publicadas em meu primeiro livro, no ano de 2011 e no diálogo com minha visão de mundo ligada ao movimento anarco-punk. E, em segundo, me reporta ao momento de estudo, pesquisa e feitura de minha dissertação de mestrado entre os anos de 2013 e 2015. Desta feita, a produção do *Esquizofrenia Poética* ganha, agora, uma leitura esquizo-analítica pautada em Deleuze e Guattari (1995) para a feitura de uma cartografia poética. Uma cartografia capaz de traçar seus próprios caminhos na busca por uma multiplicidade rizomática. Para tanto, parto da noção de que “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para as conexões dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para a sua abertura máxima sobre um plano de consistência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 30). O que se pretende, assim, é a produção de um mapa atravessado de platôs, o que, aqui, enxergo como sendo “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e a estender um rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 44). Contudo, o que se constitui, por agora, é um mapa composto por uma multiplicidade de platôs para, assim, formar um rizoma, ou seja, “um sistema acentrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 43). Uma cartografia poética a ser instituída no processo mesmo do passeio imaginativo por entre o vídeo-poema, traçando percursos, descrevendo enunciados de potência e, principalmente, criando e recriando conceitos e discursos, propositais ou acidentais, que ajudaram a constituir o todo e a parte de suas poéticas em movimento.

7.

Em minha formação artística, a visceralidade de uma produção impulsiva surge das experiências que vivenciei a partir da música e cultura Punk Rock, as quais tive e tenho contato tanto como um apreciador da história e das artes atreladas ao Movimento Punk, quanto por atuar enquanto músico e compositor. Devido a esta experiência, os movimentos, a agressividade e o caos que compõem o vídeo-poema *Esquizofrenia Poética* encontram pulsão criativa, dentre várias outras experiências particulares, a partir de uma poética punk disparada para afrontar e ser afrontada.

8.

Como percurso inicial, *Esquizofrenia Poética* começa com imagens em movimentos de um recorte de jornal, o qual continha uma reportagem sobre o lançamento do livro. A câmera movimenta-se por entre as palavras e a imagem do poeta com sua obra, no embalo de quatro riffs de guitarra da música *Transtornos Psicótico*, também de minha autoria. Este momento configura-se, no curta-metragem, propício para as primeiras fragmentações. A saber, um novo e único verso passa a acompanhar os quatro riffs distorcidos da guitarra, destoando, assim, da música original: Eu sou esquizofrênico. Um verso repetido poucas vezes, porém, em tom grave, rasgado e em sincronia oposta ao instrumental. Um espectro proto-punk se instala para disparar novo enunciado de potência. Da afronta proto-punk, ao silêncio... De uma ruptura, nova fenda se abre...

Figura 1 - Fragmento do vídeo-poema ligado ao platô 8

9.

Surge o quintal de minha casa em meio à registros audiovisuais do ambiente e aos barulhos gravados de momentos do cotidiano, como diálogos aleatórios, gritos, insultos e palavras de baixo calão que se atravessam e se atropelam constantemente. Esta cena foi composta por uma performance, na qual eu andava em busca de algum lugar para me esconder. Em meio aos sons aleatórios jogados no vídeo, começa a voz em movimento, o primeiro poema é recitado, *A Poesia*

dos Anjos: **Por volta de três dias/ E mais três noites/ Vaguei sozinho no deserto/ Sendo só um resto/ No meio da multidão/ E vi no mundo os bons/ Sofrerem grandes terrores/ Perdendo a vida por seus amores/ Amando muito e vivendo pouco/ Nesse mundo de Deus/ A vida é dos loucos.**

Figura 2 – Fragmento do vídeo-poema ligado ao platô 9

10.

Do quintal isolado em meu universo particular, na clausura de minha casa, à nova ruptura... Abrupta... Radial... A *Poesia dos Anjos* ainda estava a ser recitada quando, em meio a versos de outro poema, o clima de gritaria é amenizado, permitindo, assim, o diálogo entre a calma, os poemas que se intercalavam, e as imagens registradas do Ver-o-Peso. Imagens a revelar o cotidiano de um dos pontos turísticos mais visados na capital do Pará, com seus barcos atracando no porto, carros permitindo o transporte de pessoas e produtos, casarões antigos, e urubus que vez por outra sobrevoam o Ver-o-Peso em busca de carniça e restos abandonados entre chão e lixo... O silêncio se impõe novamente...

Figura 3 – Fragmento do vídeo-poema ligado ao platô 10

11.

De um grito, surge o retorno ao quintal. Um retorno curto, cedendo espaço para novas imagens, e, na sequência, eis que surge novamente o quintal... Imagens em movimento, surgindo e dando espaço para novas imagens. Nesta dinâmica, uma sequência de versos de diferentes poemas do livro *Esquizofrenia Poética* também se atravessam. Não há sequência lógica, racional e desencadeada. Há apenas o fragmento, a i-logicidade, o disparo de imagens, de sons e de performances... Desta forma, outra forma se ergue... Uma lógica outra de pensar e criar o audiovisual: a obra de arte dos estilhaços em movimento. Ergue-se, com isso, um mosaico de fragmentos desconexos que, pela pulsão artística disparada da falta do que comunicar, foram conectados.

Figura 4 – Fragmento do vídeo-poema ligado ao platô 11

12.

Os poemas seguiam, cada qual a sua própria dinâmica, nas dimensões do vídeo-poema. Não havia, entretanto, hierarquia alguma. Dois ou três versos eram recitados ao mesmo tempo, aleatoriamente, deixando transbordar os excessos de uma mente repleta de sentimentos para

expressar, porém, sem a palavra correta para dizê-los. Um vazio que transborda, anarquicamente, toda a incompletude de sua forma de ser. Um estarrecedor vazio que ganha forma, palavra e som. Um vazio que parte do silêncio, para disparar o grito... A afronta... A provocação... Um grito que sem nada para dizer, tudo diz... Não mais se cala.

13.

Os gritos, sempre frequentes, acusam, no vídeo-poema, novos enunciados de potência disparados por entre poemas. Dos fragmentos de poemas disparados aleatoriamente em “diálogos” desconexos com fragmentos de imagens em movimento que se repetem, um grito aleatório, registrado de uma briga de rua, abre alas para o estilhaço poético, precedido e/ou intercalado por outros poemas:

Grita uma mulher: AAAAAAAAAAAAAH

Grita um homem: TIRA A MÃO DO MEU PAU!

Fragmento Poético 1

“Cadê as pessoas?

Cadê as pessoas?

Meus companheiros

Não há mais pessoas

Cadê as pessoas?”

Grita uma mulher: AAAAAAAAAAAAAH

Grita um homem: TIRA A MÃO DO MEU PAU!

Fragmento Poético 2

“Penetro teu íntimo

Mas quando quero,

Não estais comigo”

Grita uma mulher: AAAAAAAAAAAAAH

Grita um homem: TIRA A MÃO DO MEU PAU!

Fragmento Poético 3

“Minha Belém tem mangueiras

Que são moradas de bem-te-vi

Tem até bico de lacre

Curió pardo e urubu
Só não tem arara-azul
Foi por culpa do bicho homem
Que a arara tomou no cu”

14.

O constante retorno de imagens, videos e sons, no vídeo-poema, tornou a revelar pontualmente as movimentações do ver-o-peso, porém, num diálogo maior com o vazio, o silêncio e o poema. Em clima mais confortável, o vazio embala o poema chamado O FIM, disparando novo enunciado de potência: o romantismo embriagado que convive com o lado visceral da revolta e da crítica social: **Procuró-te triste e mal amado/ Nas noites de silêncios extasiantes/ Noites frias e torturantes/ Em que a insônia me acompanha/ Mas quem reclama?/ Vi a vida toda, a chama/ Do teu amor sem gana/ Apagar-se lentamente/ Noite após noite, na cama/ Do meu lado deitado/ Um corpo gelado, calado/ Cumpria de malgrado/ As obrigações de casado./ Quando foi que te perdi?/ Quando e por que, pois não vi?/ Queria um dia, nas noites/ Em que a bebida de contaminar/ Invadir teu novo lar e roubar/ Teu corpo de volta pra mim.**

15.

Duas letras de música passam a se intercalar, em uma sequência de imagens que surge por cima de um muro nas laterais do quintal. Uma é decantada de forma mais ritmada e homogênea, e a outra é recitada com mais variações na tonalidade da voz. A primeira letra cantada repetia o refrão de uma das músicas que compõem o repertório de minha atual banda: Surdez Mecânica. Uma banda punk, com letras diretas, curtas, rápidas, com guitarras distorcidas e vocal agressivo. A música se chama *Agredidos* e assim prossegue: **Eu não me sinto protegido/ Eu só me sinto agredido/ Tudo o que eu vejo é caos/ Desordens e conflitos/ Mas como vou viver tranquilo/ Se não confio em meus amigos/ Eu não confio mais/ Eu não confio mais/ Eu não me sinto protegido/ Eu só me sinto agredido/ Eu não confio mais/ Nem mesmo na polícia/ Mas como vou viver seguro/ Se tem assalto todo dia/ Eu não me sinto protegido/ Eu só me sinto agredido.** A outra letra de música, também compõe o repertório da mesma banda, porém, seu histórico data de um pouco antes, mais especificamente, de meu primeiro projeto musical que trilhava na dinâmica do punk rock: a banda Benzina Punk. A música que disputa atenção e que ora sobrepõe e ora é sobreposta pela música *agredidos*, é intitulada Guerra Urbana: **Eu vi a multidão/ Tentando**

se salvar/ Desta guerra urbana/ Pronta para estourar/ Era o tira da polícia/ Mirando na favela/ Era o tiro da favela/ Dando início a guerra/ Olha o carro da polícia/ Tem pivete na esquina/ Veja agora o traficante/ Dando tiros para cima/ Um adolescente caiu no chão/ Porra era inocente/ Põe maconha em seu calção/ A guerra vai estourar/ A guerra vai estourar/ A guerra vai estourar/ A guerra vai estourar/ Olha o carro da polícia/ Tem pivete na esquina/ Veja agora o traficante/ Dando tiros para cima. Nesta dinâmica, dois disparos de revolta punk partem dos enunciados de potência de Esquizofrenia Poética.

16.

No fim de Esquizofrenia Poética, o cenário do quintal reaparece, em preto e branco, numa repetição ininterrupta da seguinte cena: em performance, caminho em direção a uma velha caixa-de-água abandonada, como se estivesse à procura de um lugar para me esconder. Entre os últimos gritos, é recitado o poema Lembranças Póstumas, em voz melancólica, demarcando o fim do delírio poético-esquizo que se constituiu em conceito e em prática, naquilo que chamo de vídeo-poema. O último enunciado! Um disparo melancólico, em meio a tantos disparos de revolta, paixão e loucura. Antes que o silêncio reapareça demarcando findando a obra, eis o que se escuta no diálogo com imagens e movimentos: **Estou tão triste nesta madrugada/ andando pela rua e observando casas/ são tão estranhas as luzes apagadas/ carros nas garagens e outros nas calçadas./ Talvez eu seja, só um suicida/ andando pelas ruas, e vagando em avenidas/ Mas você não sabe, o que está por trás/ por trás de olhos tristes quando a lagrima se faz/ cada garrafa seca, possui uma história/ cada história triste, possui uma mulher./ Eu caí no chão, mas ninguém quer entender/ a mão pra mais um bêbado, lutando pra morrer/ brigas na família? Isso eu não posso lhe dizer/ mas um 38 na mão dele eu posso ver./ Hoje eu perdi a guerra, mas quem é que vai vencer?**

Figura 5 – fragmento do vídeo-poema ligado ao platô 16

Das fendas de uma multiplicidade rizomática...

As constantes fendas, rupturas e cortes abruptos que o vídeo-poema *Esquizofrenia Poética* gerou, promoveram a possibilidade de novos vídeo-poemas, porém, mais organizados e pautados no diálogo entre poucas imagens e apenas um poema. Deste disparo inicial, surgiu uma série de vídeos que, em conjunto, tornam-se aquilo que individualmente, o *Esquizofrenia Poética* se tornou. A pulsação de fragmentos aleatórios criou enunciados de potência que se converteram em outros vídeo-poemas como vem a ser o caso das obras *Um abraço aos meus amigos* e *O beijo da Morte*, que em outro momento trarei à tona no percurso de outra cartografia poética.

Referência

DELEUZE, Gilles, 1925-1995. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Gilles v.l Deleuze, Félix Guattari ; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34, 1995

Artigo submetido em 22/10/2018, e aceito em 21/12/2018.